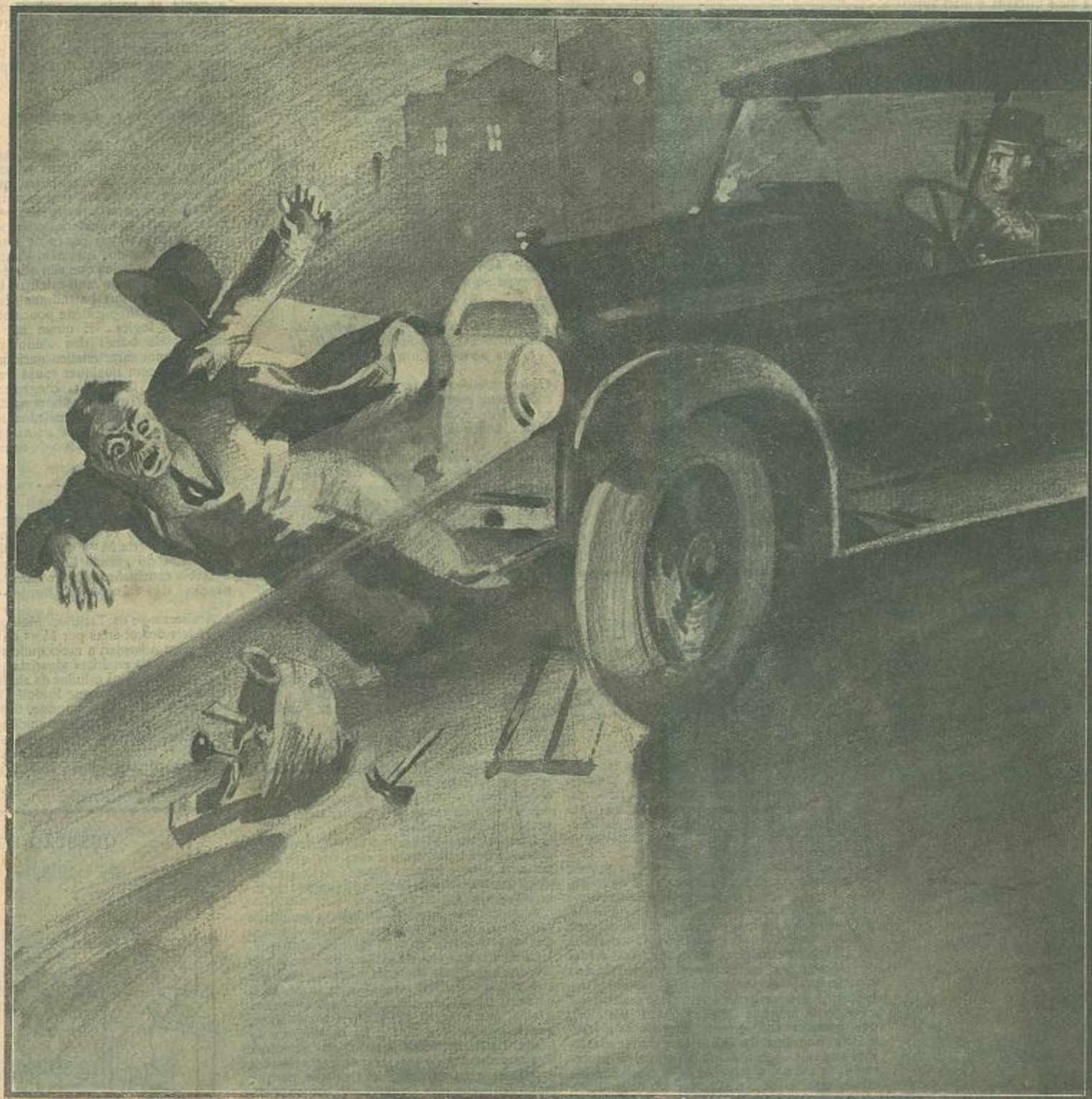
A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II — NUMERO 92 | PREÇO AVULSO 1 ESCUDO | 12 PAGINAS

# O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO — R. D. PEDRO V -18 — TELEF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM TODA A PROVINCIA, COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

## MAIS UM ATROPELAMENTO

Quasi todos os dias os jornais trazem noticias de atropelamentos. E' o desastre mais vulgar da cidade — umas vezes por descuido dos transeuntes, outras por impericia dos condutores. Este foi de noite e vitimou um pobre operario, na Junqueira.

DOMINGO ilustrado

ANO II N.º 92

LISBOA 17 DE OUTUBRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO; DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

*ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA*

## ECOS

### A formidavel crise actual da imprensa

Não discutimos a utilidade ou necessidade da censura previa aos jornais.

Não discutimos a justiça da exigencia da franquia postal ha muito abolida ás publicações periodicas.

Limitamo-nos a pôr em fóco a angustiosa situação por que passa a Imprensa portugueza, hoje a industria mais onerada e mais sujeita a rudes provações.

A imprensa livre, aquela que se exerce sem a protecção de companhias ou de casas bancarias, aquela que genùinamente portanto exerce a sua industria fazendo jornais e vendendo jornais, está, de facto, como nunca esteve.

A censura previa deminuiu-lhe em grande parte a leitura noticiosa ou de comentario vivo que mais interessa á indole do nosso publico. Mesmo que a censura nada corte, o publico, desconfiado, sabendo que ela existe, não compra os jornais. Que o diga a tiragem dos grandes diarios.

Os portes do correio, encontrando em crise a industria, dão-lhe uma facada de morte. Jornais ha que não resistirão, pois vivem da assinatura, agora formidavelmente onerada.

Este jornal gastará milhares de escudos por mez para continuar com os envios do seu correio. Tudo concorre para entre nós aniquilar uma industria que é a maior força de expansão espiritual e de divulgação literaria, a que, em todo o mundo, é tida como auxiliar imprescindivel de toda a acção nacional.

### O' tu que fumas

Desde o dia 9 do corrente que estão colocadas em algumas das principais tabacarias de Lisboa as caixas para recolher os cigarros dos asilados.

A bela iniciativa do «Domingo ilustrado» e do «Diario de Lisbôa» entra na sua fase mais apagada, mas talvez mais simpatica e caridosa. Daqui a uns meses já não se falará do cigarro do asilado, nem nas revistas do ano nem em parangonas de jornal.

Mas as caixas lá estão, a pedirem, com seus labios entreabertos, como os labios secos e saudosos dos velhinhos que não teem cigarros... Oue o publico ouça sempre aquela suplica muda!

Leitor: Sempre que olhares para as caixas, pensa o que quiseres, pensa que estão vazias, pensa que já ninguem se lembra dos asilados, mas não te esqueças tu de dizer lá para comtigo: «Penso eu!» F, sobretudo, não te esqueças de lhes atirar para dentro a onça de tabaco francez ou o sumptuoso estojo de King's Cigarrettes, que nesse dia trouxeres no bolso!...

OPORTUNIDADE...

*—Minha amiga, apresento-te o Sr. Mateus, natural das Ilhas Canarias.*
*—Teremos muito prazer em o ouvir contar...*

## Má língua

## O CASO DA MOEDA

*Aqui na aldeia a vida anda atrazada*
*em tudo o que é palpavel, exterior;*
*e toda a grande nova aqui chegada*
*já traz cabellos brancos, ou peor.*

*Não vi pois — o centavo,—«e tenho pena»,*
*poderia dizer; e estou dizendo,*
*embora na almo, placida e serena,*
*não bula nem um atomo em o vendo...*

*Correm moedas más? Leio a noticia*
*sem lagrimas nem intimos regalos;*
*que corram! Não comprehendo que delicia*
*ha no correr de moedas, ou cavallos.*

Tudo passa, *proclamam os francezes,*
*e é certo. Tudo passa. Tudo morre.*
*Agóra, nos destinos portaguezes*
*o temma certo é outro:—tudo corre...*

*Aliás, o que é redondo, por instincto*
*tem de rolar; até na Immensidade...—*
*rolareis pois, moedas que eu presinto*
*cheias de azebre e de velocidade...*

*Força! Corra esse ferro amalgamado*
*que com trez dias de uso se enferruja;*
*tão ruim que se o achar falsificado*
*a propria moeda falsa «fica suja»...*

*Por mim, terei saudades do papel*
*que embora putrefacto e asqueroso*
*contrapunha ao clamor deste tropel*
*a virtude de ser silencioso.*

*Havia um não sei quê de comedido*
*que se espalhava do Dafundo á Baixa;*
*o vicio, se corria irreprimido,*
*corria sobre rodas de borracha...*

*As compras, de tabaco ou de consciencia,*
*não tinham essa feia ostentação*
*de quem define as suas exigencias*
*com rodêlas aos saltos num balcão,*

*Nas ruas, com os trocos dos electricos,*
*todos andavam leve, levemente;*
*e os esfomeados, fóra olhares tetricos,*
*não tinham distinção da outra gente;*

*Posto agora em metal esse residuo*
*das nossas varias voltas «financeiras»,*
*todos hão-de avaliar o individuo*
*só pelo retintim das algibeiras.*

*Tudo será visivel e cruel*
*como á luz, sem cortinas, de um portal;*
*—quem pode simular um bom papel*
*nisto de se atascar em vil metal?*

*E' mau. E' muito mau. Corre o dinheiro?*
*Pouco pode importar á gente rica*
*que ás barras vae, no gesto prazenteiro*
*de quem pega na bilha, e vae á bica...*

*Mas na altiva cidade que critica*
*feitos de João Brandão,—e os arreméda,*
*que horror se toda a turba fosse á Bica!*
*—E' tão perto da Casa da Moeda...*

*Cada conto de reis, que nós, tranquillos,*
*contavamos com calma e com uncção,*
*só era* Um *«Kilo». Agora, quantos kilos?*
chylos *de que difficil digestão!...*

*Deus queira que a maré que se avizinha*
*não seja... algum capricho visionario,*
*algum conto da velha carôchinha,*
*que não chegue ao destino a que caminha,*
*e dê mais pezo ao conto do vigario!*

Parada de Gonta

TAÇO

## questão prévia

NUMA d'aquelas horas de ocio tão gratas ás pessoas que trabalham, que bem se podem chamar ocios do oficio, discutia se em volta duma meza de chá, quasi toda ocupada por copos de cerveja, o momentoso assunto das preferencias de cada um no que respeita a animais.

As senhoras inclinavam-se para os gatos e se algumas punham alto o seu ideal dum fôfo gato Angora, com um grande laço azul, outras declaravam-se abertamente amigas de todos, desde os gatos da rua aos gatos dos alguidares.

Entre os homens, as preferencias variavam. Os cães e os cavalos reuniam uma boa media de preferencias, mas a fantazia animalista dos circunstantes não se resumia aos animais domesticos. Houve quem apetecesse possuir um elefante á maneira dos biombos portateis, que pudesse dobrar-se em tres partes e arrumar-se num terceiro andar. Outros manifestavam-se pelos tigres, pelos leões, pelos rinocerontes e até um sujeito muito curioso da vida alheia manifestou o desejo de ser dono duma girafa, só para ter a impressão de meter o naris em todos os primeiros andares.

Todos os animais, desde os mais ferozes aos mais mansinhos, desde o *boxeur* á toupeira, tiveram os seus preferidores e já a palestra se encerrava sobre a predilecção fantasista e decadente d'alguem que gostaria de passear nas ruas, á trela, um ouriço atravessado com *fox-terrier*, quando uma voz se ergueu louvando todos os animais em geral e condenando em especial o bicho humano.

Não sei dizer-lhes como foi que todos nos encontrámos a dar razão a essa voz, que parecia uma doce harmonia erguida das consciencias, como um fumo lento e perfumado de incenso votivo.

A ferocidade faminta do leão, a crueldade sanguinaria do tigre que lambe com gôso o sangue que empasta os seus reais bigodes, a felonia da hiena, a astucia velhaca da raposa são inocencia e virtude comparadas com a maldade e o cinismo da fera mansa, que se chama o homem, dessa fera que a sorrir vos envenena a vida, que a afagar vos atraiçoa a confiança, que a rastejar vos morde na reputação e na honra. Entre as feras mais feras nenhuma tem os requintes de mal fazer do que o homem é dotado e eu não sei, meus amigos, porque tendo verificado esta verdade, não vamos viver, nós as vitimas da ferocidade humana, para a paz das jaulas do Jardim Zoologico.

## ECOS

### Uma pergunta dificil

Um jornal da manhã abriu agora um inquerito sobre qual é a peor estrada de Portugal.

Ao contrario do que seria licito supôr, as respostas a tão embaraçosa pergunta não teem chovido. E' facil de perceber porquê.

Se é certo que em todas as vidas ha uma estrada mais ou menos diabolica, onde se passaram tormentos esquecidos á Inquisição, a verdade é que atraz dessa estrada outras vieram, sempre peores e peores, e dificil é agora saber qual foi a mais tormentosa... Toda a gente se perde no embaraço da escolha. Quanto a nós, entendemos o seguinte: Assim como o melhor beijo, na opinião do dr. Julio Dantas, é aquele que ainda está por dar, tambem a peor estrada será aquela por onde ainda temos de passar...

### A estetica e os asilos

Ha dias, tivemos ocasião de assistir ao desfile das crianças de alguns asilos. Apresentavam-se todas muito aceadinhas, muito compostas. Isso é o essencial, sem sombra de duvida.

Mas, por acaso, seria incompativel com toda aquela compostura, com todo aquele aceio impecavel, um pouco de graça e de bom gosto? Parece-nos que não. Vimos uniformes de crianças asiladas que são obras-primas dum requintado sentido anti-estetico. Uns chapeus tipo jesuitico, uns balandraus cinzentos, sem forma, duma simplicidade pouco simples, muito pouco logica... E quem não conhece os abominaveis bonés dos alunos da Casa Pia, sem o menor caracteristico nacional, sem nada de pratico, com qualquer cousa de vexatorio? Porque não introduzir, chegando a ocasião oportuna, quaisquer melhoramentos em toda essa indumentaria dos asilados, nessas librés de pobreza que podem deixar na alma das crianças um eterno residuo de amargura?

### A gente vê caras...

Tem que sofrer revisão o conhecido ditado. Afinal, a gente vê caras e vê corações. Há, agora, uma certa M.me de Than que, seguindo na esteira do grande Lavater, tem chegado a notáveis conclusões sôbre o caracter, pela inspecção do crâneo, da fronte, das rugas, etc.

Acabaram-se os Tartufos. Metendo na cabeça as leis descobertas por M.me de Than, estamos aptos a farejar, a meio quilometro de distância, os mais eméritos vigaristas.

Corroborando os estudos da aludida senhora, lemos a noticia de que Rudolfo Valentino, o homem mais belo do mundo, tinha uma bela alma. O soberbo leão dos «studios» era generoso e leal como um principe de lenda... Poder-se-ha concluir, portanto, que ás caras de leão correspondem corações de pomba...?

QUESTÃO DEPES...

*—E' curioso que é sempre o mesmo pé que me dóe.*
*—Isso é da idade...*
*—Mas o outro pé é da mesma idade e nunca me dóe...*

O DOMINGO ilustrado

# HUMORISMO

# crónica alegre

### TERRIVEIS CONSEQUENCIAS DOS CICLÓNES E ABALOS SISMICOS

ESTIVE fóra de Portugal sem ler gazêtas nossas durante dois mêses. Tendo conseguido regressar ás praias lusitanas de que sou natural, indaguei de pessoa idonea o que se passara de notavel durante a minha ausencia.

—Politicamente, tivemos apenas tentativas de rebelião, uma em Chaves, que o governo jugulou com a rapidez e energia que lhe são peculiares. A ordem é perfeita em todo o paíz. Por infelicidade nossa a terra tremeu nos Açores e houve victimas, casas derruidas e muitas desenas de pessoas sem abrigo. Nós, do continente, fomos victimas por ricochête, porque, se o tremor de terra nos poupou, não nos foram evitados os saraus de beneficencia. Como o bando precatorio, «o sarau a favor» figura entre as inevitaveis e terriveis consequencias de qualquer catastrofe: inundação, incendio, derrocada, bombardeio mal apontado, etc.

— A quem o diz, meu querido amigo, interrompi eu. Realmente conheço poucas cousas aflictivas como esses espectaculos que se organisaram infalivelmente logo apoz uma desgraça. A iniciativa pertence sempre a um grande jornal. Ha sempre um activo emprezario que cede gratuitamente o seu teatro. Ha umas comissões que se compram já feitas e que são sempre a mesma. E então, durante uns dias, a gazeta serve-nos ao centro da *primeira*, naquele sitio terrivel de encher, os retratos dos artistas que espontaneamente se oferecêram para tomar parte obsequiosa. Tambem são sempre os mesmos, graças a Deus. Ha mesmo artistas que nós sabemos que existem por tomarem parte em todos os saraus de caridade. Finalmente organisa-se o programa. Sempre á ultima hora, uma surprêsa, com a qual se contava para ser o *prégo* da noite, não pode apresentar-se por um obstaculo imprevisto e fica a cousa num acto duma peça vista e revista, a não ser que seja a *Ceia dos Cardeaes* ou as *Rosas de todo o ano*, num interminavel intermédio de recitações e trechos de canto e, para fechar, um acto duma outra peça vista e revista pela companhia doutro teátro, a não ser que seja *As rosas de todo o ano* ou *A Ceia dos Cardeaes*.

O espectaculo é sempre uma formidavel estopada. O desgraçado incauto que deixou carregarem-lhe sobre os ômbros o pêso da contraregra fica doido. Metade dos artistas não comparece. A outra metade não concorda com a ordem do programa. Todos querem puxar a brasa á sua sardinha. Chegados á scena é infalivel que, impingido o primeiro trecho e animado

pelos aplausos que a cortesia do publico lhes dispensa, saquem de segundo e de terceiro. As horas correm. Já se dorme pelas frisas e camarotes. Já saíu á surrelfa gente que não tem automovel. Ainda anima aquela desolação um artista popular que chega, depois de ter acabado o seu espectaculo, pelas alturas da umada noite, e com um monologo ou um fado acorda todos os dorminhôcos. Mas, a seguir, recae-se no marasmo anterior e, quando finalmente, o segundo violino trépa, de gola levantada, luneta e caixa de instrumento na mão, a calçada do Lavra, emquanto tres horas batem num relogio proximo, é ouvir com que alma esse desgraçado pede á Providencia que evite as catastrofes e os saraus resultantes.

### A NOVA FACULDADE

Durante a minha ausencia, o snr. ministro da Instrução poz em vigôr varias reformas de ensino. Surpreendime ao chegar não encontrar instalada ou em via de instalação uma nova faculdade a qual, bem mais do que as de Letras e Sciencias, corresponde a uma urgente necessidade do momento: a Faculdade de Negocios. Aquêle curso comercial, que se usava outrora e creio se usa ainda um pouco, está muito áquem de quanto hoje se torna necessario a quem queira seguir na vida a unica carreira lucrativa: ser homem de negócios. De resto, comerciar, como se entendia antigamente, e negociar, como hoje se entende, são duas cousas totalmente diversas.

Os rapazes de quinze ou dezaseis anos, tendo ás vêses em casa e debaixo dos olhos exemplos formidaveis, não têm hoje senão um sonho: ganhar dinheiro. Estas carreiras de miséria, como o exercito, a marinha, a advocacia, a medicina, cujos cursos necessitam anos de trabalho para se concluirem e depois mal dão para comer, não lhes podem inspirar senão repulsão. Negociar é o grande meio de viver hoje. Mas não comerciar agarrado a um balcão. Não. Negocios... Um escritório. Dactilografas, moveis e classificadores americanos... Representações não se sabe de quê... Negocios... A bagagem scientifica é quasi nula. Ler, escrever, contar, o francez que se aprende indo em dois anos seis vezes a Paris e tendo lá uma mestra de confiança. Pronto. Depois audacia, golpe de vista e rapidez de acção. Ora neste campo é possivel aprender alguma cousa e umas aulas sem pretensão, de simples conversa, abertas na tal faculdade e providas de professores idóneos, não seriam inuteis. Não basta o instinto e o acaso tambem se doma. O preciso é saber como aproveitar as ocasiões.

Não hesito em dizer a essa geração que ha em Portugal milhões e milhões de escudos a ganhar. Em Portugal ainda se não negoceia nos termos em que para alem Pirineus a vida se precipita. Ainda não nos desapegâmos dos velhos habitos e vemos curto. No dia em que uma *equipe* de rapazes com o curso da Faculdade de Negocios sacudir tudo isto, fizer altas e baixas, *trusts* e *pools*, ligando-nos á vida mundial, então sim, talvez valha a pena pasmar.

Por emquanto, ainda é cedo. Tenho visto edificar muita fortuna em tôrno de mim. Não têm nada de extraordinario. As honestas podem usar barretinho de seda na cabeça. As deshonestas são gatunices vulgares ao alcance de qualquer pilha-galinhas.

### UMA HISTORIA

Morrera um pae deixando trez filhos e, com o defunto dentro do caixão, discutiam estes o funeral.

— Nosso pae foi sempre uma pessoa modesta, dizia um. Cuido que seria ofender os seus principios fazer-lhe um enterro de pompa. Um de 2.ª classe parece-me suficiente.

—Qual segunda!—interrompe outro filho. Se querem fazer a vontade ao pae façam-lhe um prestito de 3.ª classe.

—Não, comentou por sua vez o terceiro. Tenho a certeza que, se o pae tivesse tido tempo para fixar esses detalhes, ele, que desde rapaz era um velho democrata, teria indicado a carrêta...

Nesta altura, o defunto ergueu-se do caixão e disse:

— «Não discutam mais. Não vale a pena. Eu vou a pé...

*ANDRÉ BRUN*

## Um concurso artistico

Chamamos a atenção dos nossos artistas da especialidade para o concurso de capas aberto pela revista espanhola «*Blanco y Negro*», cujas bases, publicadas no «Diario de Lisboa» de 11 do corrente, oferecem as maiores garantias de seriedade.

Não queremos citar nomes, com receio de omissões injustas, mas, sem desprimor para ninguem, parece-nos necessário que a êste certamen não falte, de modo algum, a arte bizarra moça e vitoriosa, de Raquel Gameiro Ottolini, de Stuart, de Almada, de Cottinelli Telmo, de Barradas, de Bernardo Marques e doutros a que só não nos referimos por estarem cá dentro de casa ou por nos estarem fora da lembrança...

Os premios são relativamente importantes (dois de mil pesetas cada um), mas a honra do triunfo seria inestimável, porque recairia sôbre tôda a arte portuguesa, cujo bom nome no estrangeiro talvez fique um pouco ferido, devido ao triste caso das novas estampilhas.

UM FUTURO RISONHO...

*—Meu ve lhó, devias beber leite e nunca vinho.*
*—Já sei isso, mas só espero que as vacas comam uvas.*

MUDANÇA DE DIVIDA...

*—Então os vinte mil reis que me pediste ha seis mezes? Dizias que precisavas deles por pouco tempo...*
*—E é verdade! Não estiveram dez minutos na minha mão!...*

## Curiosidades

### UMA VENDA ORIGINAL

Perante o tribunal de Leeds compareceu o mecânico Tom Allan que, mediante um contracto em regra, vendera a um amigo, por 500 libras esterlinas, a sua propria mulher. O acusado defendeu-se com a maior ingenuidade e franqueza: «Quero falar com o coração nas mãos—disse Allan. A verdade é que já há bastante tempo que não podia aturar a minha mulher. Não eramos felizes e, apesar disso, ela recusava divorciar-se.

Por felicidade, tenho um amigo, chamado Phillipps, que amava a minha mulher, e que era correspondido. Um dia, Phillipps propôs-me dar-me 500 libras esterlinas se lhe cedesse, por meio de contracto de venda, a minha mulher. Aceitei com muito gôsto, tanto mais que me encontrava em má situação financeira.»

O advogado de Allan pronunciou um elequente discurso e, apoiando-se em factos históricos e remotos costumes, citou precedentes da venda de mulheres por 20 a 25 shillings.

«O meu cliente—exclamou o convicto defensor—ao vender a sua mulher por 500 libras não fez mais do que valorizá-la, segundo os preços actuais, no que revelou um extraordinario instinto comercial.»

O delegado do ministério publico, que escutara com grande interêsse a digressão histórica do advogado, contestou que êsses velhos costumes tinham, há muito, caído em desuso e haviam sido terminantemente proibidos por uma lei de 1805.

O tribunal condenou Tom Allan a dezanove meses de prisão.

### A COR DO LUTO

A côr do luto não é a mesma para todos os países. Os turcos escolhem o azul; os chineses, o branco; alguns arabes, o cinzento; os persas, o castanho; alguns povos da Asia, o amarelo. Ana de Bretanha foi quem introduziu em França o preto, como a côr do luto.

### QUEM INVENTOU O DOMINÓ

Os inventores do jogo do *Dominó* foram dois monges italianos, do mosteiro de Monte Cassino, fundado por S. Bento, no seculo IV. Chamavam-se Fr. Dremus e Fr. Santiago. Presos na mesma cela, por qualquer leve pecadilho, os dois religiosos, para matarem o tempo, imaginaram um jogo de pedritas brancas, feitas de tiza, quadradas, e com pontos negros; combinaram-nas, formando series, e, pouco a pouco, fazendo varios calculos dignos da sua paciencia de beneditinos, inventaram o jogo hoje universalmente conhecido. Quando ouviam no corredor os passos de algum irmão ou do prior, os religiosos, para disfarçarem o que estavam fazendo, principiavam a cantar o primeiro versículo do psalmo das vesperas: «*Dubit dominus domino*». E como só sabiam de cór essas palavras, ficavam sempre no *dominó*, nome com que depois foi baptisada a sua descoberta.

# O perigo dos equinóxios

TODOS sabem que há dois dias do ano, o dia 21 de março e o dia 21 de setembro, em que a duração do dia é exactamente igual á duração da noite, e que teem em astronomia, respectivamente, os nomes de *equinóxio da primavera* e *equinóxio do outôno*. (O termo equinóxio formou-se da junção de duas palavras latinas—*aequus nox*,—que significam *noite igual*).

Nos dias dos equinóxios, o circulo máximo que, sôbre o globo terrestre, separa a parte iluminada pelo sol da parte que está na sombra, passa pelos dois polos da Terra e é por isso que a duração do dia é exactamente egual á da noite.

O conhecimento dêste facto não basta, porém, para saber explicar o motivo por que são tão frequentes as perturbações atmosféricas nos dias proximos àqueles que marcam o principio da primavera e o principio do outôno.

Este ano, essas perturbações atingiram excepcional violência: foi o furacão que destruiu, em 20 de setembro, a cidade de Miami, na Flórida, matando 1.506 pessoas; outro fenómeno da mesma natureza que, em 22, destruiu parte da cidade de Encarnacion, no Paraguay; o «torando» que caiu, em 25, sôbre a cidade brasileira de Itamble, fazendo mais de 200 vitimas; o grande furacão do Faial, em 27; a tempestade que soprou sôbre a cidade de Vera Cruz, no México... Enfim, uma tétrica serie de calamidades.

Qual a origem de todos êstes desastres, cuja proximidade é difícil de explicar por uma simples coincidência? Parece que deve ser a seguinte:

Nos equinóxios, o Sol encontra-se no plano do equador terrestre, quer dizer, está naquele ponto da sua órbita (chamada ecliptica) que se cruza com o circulo maximo que divide a terra em hemisferio norte e sul. São os equinóxios que marcam a mudança das estações: estação fria, do equinóxio do outôno ao da primavera; e estação quente, dêste ao equinóxio do outôno. Quer dizer: sob o ponto de vista astronómico, os equinóxios marcam as datas em que a estação quente sucede á estação fria, ou inversamente, isto é, as datas em que as camadas de ar que constituem a atmosfera vão sofrer grandes perturbações. Com efeito, durante o verão, as terras estão muito mais quentes do que os mares, que aquecem mais lentamente, mas, em compensação, os oceanos levam tambem mais tempo a arrefecer, donde resulta que, durante a estação fria, são êles que se conservam mais quentes do que as terras, prontamente arrefecidas. Nos equinóxios, ou seja nas épocas de mudança de estações, as camadas de ar atmosferico teem, portanto, que sofrer grandes desnivelamentos, passando grandes massas de ar de cima das terras para cima dos mares ou, inversamente, conforme se passa do verão para o inverno, ou viceversa. A importancia dessas massas de ar deslocadas é muito consideravel. Calculou-se, aproximadamente, qual o excesso da massa de ar frio amontoado, no inverno, sôbre os continentes setentrionais, em relação á massa de ar, mais quente, que então se encontra sôbre os oceanos: êsse excesso de massa é de 14 biliões de toneladas. Calcula-se facilmente que o deslocamento de semelhantes massas de ar, efectuado nas proximidades dos equinóxios, não pode fazer-se sem alterar um pouco a serenidade atmosférica, e que as tremendas substituições de tão grandes volumes de ar possam provocar os mais estranhos fenómenos.

Mas não é esta a unica causa das perturbações atmosfericas, na época dos equinóxios. Tudo indica que nas camadas de ar, por essas épocas, ha tambem uma especie de grandes marés ou ondulações provocada pela mesma causa que dá origem ás grandes marés oceanicas conhecidas por marés dos equinóxios. Sabe-se que as marés são provocadas pela atracção da lua e do Sol sôbre as imensas vastidões oceanicas. A Lua, por estar muito mais perto da Terra, tem uma acção muito maior que a do Sol, apezar da massa dêste ser 26 milhões de vezes maior que a da Lua. A acção da Lua é 2 vezes mais importante que a do Sol, mas quando os dois astros actuam no mesmo sentido, os seus esforços somam-se e o efeito resultante é 2+1, isto é, 3; quando, pelo contrário, actuam em sentidos diferentes, o efeito é 2-1, ou seja, 1. A importância das marés varia, portanto, de 3 a 1, segundo as posições relativas dos dois astros. Ora, na época dos equinóxios, o Sol, como se sabe e como já se disse, está no proprio plano do equador; logo, se a Lua, pelas proximidades dos dias 21 de março ou 21 de setembro, se encontra tambem nêsse plano, as condições astronómicas dos dois astros são tais que a atracção das suas massas sôbre a massa das aguas é a maxima, o que dá origem ás grandes marés dos equinóxios. Mas se essa atracção é tão grande e tão visivel sôbre as aguas, tudo indica que tambem deve fazer-se sentir sôbre a massa de ar e que enormes marés de massas gazosas devem então formar-se na atmosfera. Essas marés atmosféricas serão muito mais difíceis de constatar que as dos oceanos, mas existem, sem sombra de duvida.

São taes marés, juntamente com o choque entre as camadas atmosfericas que deixam os oceanos para ir instalar-se sôbre as terras, e as que veem em sentido inverso, que produzem os temiveis fenomenos que êste ano se assinalaram por tão extraordinaria violência. As moleculas de ar tomam um rápido movimento giratorio, que provoca as tempestades ciclópicas, tão justamente temidas, e os pavorosos «tornados» das regiões equatoriais, onde a diferença de temperatura entre as estações é maior e onde, portanto, os efeitos das mudanças de estação são mais intensos.

### PERDER A TRANMONTANA

A expressão *«perder a tranmontana»* tem a seguinte origem: A tranmontana *(tranmonte)* era o antigo nome que se dava á estrela polar da constelação da Ursa Menor. Denominavam-na assim os navegantes do Mediterraneo, por a verem por detraz dos Alpes e dos Pirineus. Antes do emprego da bussola, perder a tranmontana era, portanto, perder o rumo. Por semelhança, diz-se que *perdeu a tranmontana* uma pessoa que se desorientou, que perdeu a cabeça.

### VINHO TINTO E BRANCO

Os vinhos tintos e os brancos teem uma composição diferente, que é devida á sua preparação. Os vinhos tintos obteem-se deixando fermentar o môsto da uva com os cachos, as grainhas e a pele dos bagos. O alcool que se forma dissolve a materia corante vermelha dos involucros.

Os vinhos brancos obteem-se passando para outros recipientes o môsto da uva depois da pisa, de forma que a fermentação faz-se sem os cachos e peles da uva.

### UMA TORRE METALICA

Berlim possui uma nova curiosidade. Sôbre os edificios, na Exposição de Iluminação que acaba de abrir, em Witzleben, ergue-se uma torre metalica, uma espécie de simples coluna quadrada, com seus 140 metros de altura. Chama-se-lhe a Torre da Iluminação e tem, no seu cume, um poderoso projector. A 50 metros do solo encontra-se um «restaurante» aberto ao publico e a 130 metros uma plataforma onde se sobe para gosar dum extenso panorama.

### UM CÃO GATUNO

Os jornais de Bucarest contam o seguinte caso, descoberto pela policia de Sibin (Hermanstad). No dia 13 de Agosto, a condessa de Belmont, que viajava no Oriente Express, nos arredores de Predeal, reclamou, muito agitada, o auxilio do condutor dos *wagons-lits*, dizendo que lhe tinham roubado um colar de perolas comprado por 35.000 francos em Constantinopla. Ao chegar o comboio a Sibin, os agentes de policia, avisados, começaram as investigações. Um agente observou que um viajante, que levava consigo dois formosos cães—lobos, metia um objecto na bôca dum dos animais. Interrogado êsse viajante, apurou-se que era um americano chamado Swek que, utilizando-se dos cães, roubara o colar. Com uma fleugma bem americana, Swek confessou que mandara os cães á «cabine» da condessa, a qual se pôs a brincar com os animais.

Durante a brincadeira, um dos cães roubou o colar. O americano confessou ainda que já realizara outras proezas semelhantes, sempre auxiliado pelos seus cães, a quem educara á sua maneira...

# TEATROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE

## Penas de pavão

Gente anciosa de celebridade faz reviver de vez em quando as peças que glorificaram artistas que morreram ou que a idade afastou do tablado. Para o que é incapaz de crear, nada como recorrer aos grandes papeis que deram celebridade a figuras desaparecidas da cena. E quando não surripie directamente as linhas d'esta ou d'aquela interpretação, vale-se das indicações que lhe são ministradas por ensaiadores, por colegas até que surprehenderam esses segredos que tanto notabilisaram o creador.

Ha tambem os que vão a Paris e importam «textualmente» a copia «cela va sans dire»...

Ora o plagiador ignobil no Livro é justiceiramente apontado a dêdo, escarnecido, ridicularisado. O actor, porem, pode plagiar á sua vontade que até lhe acham muita graça.

Mas uma representação deve constituir uma obra de arte como pode ser um livro. E já não são os processos que se plagiam. O desplante vae mais longe: São os detalhes que um artista, pelo seu talento e á custa de estudo, soube encontrar. Porque insistir na representação de peças que foram levantados a hombros herculeos, de personalisações que deixaram rastros de luz, e, tão viva que ofuscam os que teiman em aventurar-se pelo caminho...

Se os novos interpretes das velhas peças oferecessem novas interpretações, embora mais frageis que as da primitiva...

... Mas não; Plagia-se. E o publico aplaude.

Plagiam-se papeis. Plagiam-se, imitam-se artistas:

Zacconis, conhecemos tres por esse mundo. Paladini, Grasso, Guitry teem muitos «filhos»...

... Entre nós. Brazão, os Rosas, Christiano, Valle, Joaquim d' Almeida, Chaby teem muitos discipulos atentos.

Quantos em logar de executarem as lições dos mestres, conservando a sua personalidade, passaram a imita-los servilmente!..

Há os que imitam a fala, os gestos «que ficam bem», as atitudes, a «poeira» das grandes scenas, os ademanes e até os efeitos...

Segue-se que há artistas que choram quando riem e que riem quando choram; que confundem afectação com elegancia; que fazem lembrar num só papel, uma infinidade de actores e de personagens. Segue-se que há os que se agarram a um molde com as coisas «mais bonitas» que vêem nos outros e que impingem esse molde em todas as peças, de forma que temos o senhor Fulano a «representar de actor» e não o papel da peça.

Segue-se que no meio teatral—aqui como em toda a parte—ha uma duzia de titeres que o publico aceita como artistas porque não imagina que o plagio na Cena seja tão grave como na Literatura.

Em Paris, recentemente, o celebre clown Grock processou o seu colega Pizani porque este o imitou.

Foi preciso aparecer um palhaço para tomar o caso a serio.

Que os que desejem ser titeres, continuem a sêlo. E' uma questão de gosto...

... Mas que o publico, a critica e a classe teatral não consintam que o pseudo—actor X, vá plagiar, scena a scena, detalhe em detalhe, a interpretação de qualquer grande artista. E que achincalhem e vergastem esse que pretendeu enfeitar-se com penas de pavão.

CARLOS ABREU



# O MOMENTO TEATRAL

## ALDINA DE SOUSA

Num teatro de opereta como o nosso em que são poucas, rarissimas, as cantoras que representam e as actrizes que sabem cantar, Aldina de Sousa marca um logar que é muito seu, custosamente ocupado por outrem.

A sua voz de *mezzo-soprano*, rica de timbre e de volume, aprimorada por uma boa escola e pelo frascar inteligente; os seus recursos de exteriorisação, a figura aristocartica de refinada elegancia, tornam-se predicados dificeis de reunir em uma só artista.

Aldina de Sousa regressou á Companhia Armando Vasconcelos onde tantos louros colheu. A sua reaparição triunfal na protogonista da opereta («La Calesera») e a forma como o publico a distinguiu, devem ser assinaladas n'esta pagina.

## ESTEVAM AMARANTE

Estevam Amarante voltou para o Avenida, agora de ponto em branco, refulgente, em vibrações de claridade.

O publico, uma pequena parte da legião dos seus admiradores, acorre ao teatro, enchendo-o á cunha. Amarante serve-lhes «O pão de ló» ainda tão fôfo e tão fresco como na noite da *premiere*, o ano passado. O publico gosta, saborea regaladamente e prometeu voltar.

Os nossos parabens a Amarante, a Luisa Satanela, um prodigio de graça, e a toda a garrida companhia que mantém, com *entrain*, o chiste do «Pão de ló» e a disciplina da casa cujo tema é representar com alegria.

## Quem vae para S. Carlos? Quem vae para o Gymnasio?

Eis as duas interrogações com que topamos a toda a hora nos meios teatraes.

Gil Ferreira voltava para o Gymnasio, dizia-se.

Mais tarde correu o boato de que Amelia Rey Colaço tinha um contracto que lhe assegurava o teatro por um ano. Logo a seguir, Gil Ferreira dava aos jornaes nota extensa de repertorio a explorar, de artistas escriturados para o mesmo Gymnasio. Mas quem é que ia para o Gymnasio?...

Esta semana socegaram os animos: Rey Colaço já não iria para o Gymnasio e sim para o São Carlos. Ricardo Covões resolveu o problema. E o Gil podia dormir socegado.

| **Nacional** | **Eden** | **Coliseu** | **Variedades** |
|---|---|---|---|
| Fechado temporariamente. | O «Cabaz de Morangos»; grande sucesso. | Grande companhia de circo. | A revista de grande sucesso «Saricoté». |

## LINA DEMOEL

Lina Demoel é uma artista que está sempre em foco. Depois do inverno, onde ela cantou como ninguem a primavera linda e encantadora das *Rosas de Portugal*, creação magnifica, que é uma verdadeira pagina de beleza — Lina Demoel foi para o Brazil, conquistar para o seu nome novas glorias outros triunfos, aplausos vibrantes.

Ela é hoje a *estrela* mais brilhante, cheia de fulgor e de elegancia, de distinção e de sorriso, que piza o nosso teatro ligeiro. De Lina Demoel se pode dizer com justiça que é a actriz parisiense, não só pela sua arte excepcional de alegria, onde ha desde a doçura esquiva e frivola da mulher até á intenção preversa, malicios a ecausticante do *couplet* da rua, mas ainda pelo bom gosto, pela riqueza e pela sumptuosidade das suas *toilletes*.

Lina Demoel, que se encontra actualmente no Brazil, á frente duma companhia de revista, acaba de assinalar o seu nome com um retumbante sucesso.

## SILVIO VIEIRA

Com o reaparecimento de Aldina coincidiu a estreia, em Portugal, de Silvio Vieira, notavel baritono brasileiro cuja arte merece que lhe consagremos uma nota destacada.

Só a falta de espaço nos inibe de lhe fazermos n'este momento a devida justiça.

Mas voltámos á primeira forma. Está tudo na mesma. Segundo rezam as secções teatraes dos periodicos, não se decidiu ainda se Rey Colaço vae para São Carlos, se o Gil vae para o Gymnasio. Que trapalhada! Não quererão estes artistas trocar posições? Talvez assim se resolvesse o *imbroglio*, este «quebra-cabeças».

Quem irá para São Carlos? Quem irá para o Gymnasio?

## UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

Eu vim para Lisboa tentado pelo jornalismo. Seduzia-me de longe a vida tumultuosa e perturbante das gasetas. Mas, uma vez aqui, esbarrei com um obstaculo: não conhecia nem um só dos jornalistas lisboetas. Durante largo tempo as redacções se conservaram fechadas para mim, vendo, em face disto, frustrados inteiramente todos os meus planos.

D'entre os jornaes que então se publicavam, um havia que atraia toda a minha atenção e despertava todo o meu entusiasmo: o *Mundo*. Era nos tempos agitados da propaganda e a feição ardentemente combativa do jornal aquecia até ao rubro o meu feroz jacobinismo. Nunca, porêm, eu entrára nas suas salas, limitando-me a admirar de fóra aquele heroico reduto, onde um grupo de homens se batia por uma ideia, com a galhardia e a nobreza de quem se bate por uma mulher.

As redacções dos jornaes eram nêsse tempo, que apesar de tudo não vai longe, diferentes das de agora. E a do *Mundo* era das mais completas que tenho conhecido em jornaes portugueses.

Perseguido pelas autoridades, odiado pelos defensores do regime, o *Mundo* levava de norte a sul do país a revolta a todos os espiritos, engrossando a legião dos que se aprestavam para derrubar a monarquia. O ardor combativo dos que ali escreviam manifestava-se dia a dia, enchendo as seis paginas do jornal de clamores de protesto, de gritos de esperança, de incitamentos á revolução. Ali tinham trabalhado, ou trabalhavam ainda, José Caldas e Brito Camacho, João Chagas e Heliodoro Salgado, Teofilo Braga e Bernardino Machado, Mayer Garção e Fernando Reis, José do Vale e Augusto José Vieira, Rocha Junior e Luis Derouet, Padua Correia e Alberto Costa, e tantos, tantos outros, que ao jornal e á ideia republicana davam todo o poder da sua inteligencia e toda a força da sua vontade.

D'aí a ansiedade que eu experimentava, o desejo que me animava de enfileirar a seu lado, disposto a travar tambem o bom combate contra um regime eivado de vicios e corroído de vergonhas.

Mas, como disse, eu não conhecia ninguem na imprensa de Lisboa que me auxiliasse, que me desse a mão. A minha fé nos destinos da Patria e na implantação da Republica era cada vez maior. Trazia o coração cheio de esperança e o espirito florido de sonhos. Mas não me bastavam a tarefa dos aliciamentos, o trabalho cuidadoso das conspirações, a propaganda constante nas oficinas e nos quarteis. O jornal ía mais longe, gritava mais alto, convencia mais e melhor. E era ali que eu queria estar, naquele baluarte da rua de S. Roque, alvo de todos os ataques, distinguido por todas as perseguições, cuja voz ninguem conseguia abafar, cujo protesto se infiltrava em todos os espiritos, fazia bater todos os corações, inflamava todas as almas.

Era ali que eu queria estar. Mas como entrar lá?

Confiado na minha estrela, esperava. Uma hora soaria em que eu pudesse juntar ao esforço daqueles paladinos o meu proprio esforço, satisfazendo todo o meu desejo e vendo realisada a minha maior aspiração. Mas os meses passavam e eu não conseguia descobrir alguem que, adivinhando o meu pensamento, acorresse em meu auxilio.

*...era ali que eu queria estar, naquele baluarte da rua de S Roque.*

Tinha eu, então, o habito de levantar-me cedo e de folhear os jornaes. Um dia vi alvoroçadamente em todos eles um anuncio em que se lia;

REDACTORES

*Precisam-se para um jornal da manhã, cuja publicação vai iniciar-se. Dirigir carta á farmacia X, largo do Rato, n.º tantos.*

Peguei numa folha de papel, molhei a caneta e escrevi:

«Snr... Tendo visto nos jornaes de hoje um anuncio em que se pedem redactores para um jornal que vai iniciar a sua publicação, venho declarar a V. Ex.ª que me julgo habilitado a desempenhar esse logar. Não pertenci ainda a nenhum jornal de Lisboa, mas fui colaborador assiduo de jornaes republicanos do Porto, onde tercei armas pela primeira vez. Creio poder afirmar que cumprirei satisfatoriamente o meu dever.»

E escrevi com pulso firme o meu nome, traçando em seguida o meu endereço.

Um quarto de hora depois estava no largo do Rato. Mas qual não foi o meu espanto quando, ao entrar na farmacia indicada e depois de dizer ao que ía, o farmaceutico me apontou, sorrindo ironicamente, um maço enorme de cartas e me disse:

— Já cá tenho isto tudo.

Retirei-me cabisbaixo, seguro de que ainda não seria daquela vez. Todas aquelas cartas eram, certamente, de jornalistas conhecidos, a quem se tornava facil alcançar a preferencia. A mim ninguem me conhecia, pobre diabo anonimo, perdido entre a multidão de anonimos que enchia a cidade.

E não pensei mais no anuncio das gasetas.

Cinco ou seis dias depois eu recebia uma comunicacão do *Mundo* pedindo a minha comparencia na redacção ás 9 e meia da noite. Fui alvoroçadamente. Pois seria para o *Mundo?*

Apresentado a França Borges, o ilustre jornalista interrogou me largamente e incumbiu-me de escrever um artigo contra a administração dos Hospitaes Civis e o seu mordomo-mór, o notavel professor dr. Curry Cabral. Iria a S. José colher elementos para esse artigo e deixar-lho-ia na tarde seguinte no jornal. Caso o artigo não fosse publicado, escusava de aparecer mais na redacção.

*— Já cá tenho isto tudo.*

Sentia um suor frio percorrer-me a espinha. Eu não sabia onde era o hospital de S. José, nem conhecia o dr. Curry Cabral ou um acto seu que merecesse censura ou elogio.

Mas a vontade era mais forte do que o medo. E fui ao hospital, informei-me junto de medicos e enfermeiros ácerca do que me interessava e escrevi um artigo furibundo contra o dr. Curry Cabral e a sua obra administrativa a dentro dos hospitaes.

Pois só repousei, quando na madrugada seguinte pude vêr no *Mundo* o meu artigo desancando um homem que eu depois soube ser ilustre e a cuja memoria já tive, felizmente, ocasião de referir-me mais duma vez, a dentro dos jornaes, prestando-lhe a homenagem que merece.

MARIO SALGUEIRO

## OS NOVOS

### PECADO!

*Julguei-me forte a ponto de esquecer-te,*
*De poder rir do teu amor tambem,*
*Mas quando tu partiste, é que vi bem*
*Que estava muito longe de perder-te!*

*Talvez que fôsse justo o teu desdem,*
*Talvez eu não soubesse merecer-te,*
*Pois nem soube est'amor d'amor prender-te,*
*Nem era para mim tamanho bem!*

*Porem, se fui tão grande pecador,*
*Se foi pecado ter-te tanto amor,*
*—Pecado de que não me arrependi—*

*Salva-me a alma deste inferno, e pede*
*A Deus que é bom e tudo nos concede*
*Que me perdõe tão alto amor por ti!*

VASCO DE MATOS SEQUEIRA

*NO PROXIMO NUMERO*

## A MAIOR VINGANÇA

NOVELA SENTIMENTAL

POR

*Fernando M. Pozal*

## Ir a Palmela e... não ver o Castelo

NOVELA DA MINHA VIDA

*Por NOGUEIRA DE BRITO*

UMA NOVELA COMPLETAMENTE FRUGIVORA . . .

# Um grande almoço desportivo

**Sobre a nudez da mais lamentavel verdade, o manto... bastante esgarçado duma pobre fantasia.**

*(Pagina dedicada ao meu Ex.mo amigo C. B.)*

Na grande sala de jantar do luxuoso hotel, elas fizeram a sua primeira entrada com passo incerto e mal seguro.

O mais reles observador via logo tres caloiras em turismo, pisando pela primeira vez o palco da grande vida.

O brilho das toilettes, os sons vibrantes do Jazz e o vai-vem febril da creadagem correndo sob Hymalaias de pratos e travessas perturbaram a principio as debutantes.

Era o primeiro almoço comido em publico. Natural, portanto, a comoção.

Depois, aqueles vestidos que a sucursal do Orandela lhes fornecera, sob o rotulo tentador de ultimo grito da moda, não se tinham adaptado completamente ainda aos seus habitos plebeus.

Tambem pelo desenho berrante dos tecidos, aquilo não era o ultimo grito, era sim o ultimo berro da moda.

Mas o caixeiro atestara que tão exoticos padrões eram o chic, a ultima palavra do bom tom.

De facto, tão ultima palavra, que nem sequer recalcitraram.

Caladas, pagaram a conta, que era tambem bastante calada, como convinha á circunstancia.

Mas no intimo, tinham agora a impressão de que os dois escassos metros de fazenda não poderiam comportar com a devida segurança as suas colossais rotundidades, creadas na plena liberdade e na despreocupada ignorancia das compressoras exigencias da moda.

Sentaram-se por fim as tres na mesa que um dos creados indicou.

Mas perante o grande numero de talheres de varias formas, em volta dos seus pratos, olharam-se num enleio.

Uma tão completa utensilagem comestivel causou-lhes embaraços.

Num relance, involuntariamente recordam o recheio daquele armario existente no consultorio medico da sua terra; e no vago receio de que iriam exigir delas alguma complicada e dificil operação, olharam para a meza do almoço, como se olhassem a meza da anatomia.

Mas passada a primeira hesitação impunha-se uma iniciativa, e a mais velha das tres — a mãe — deliberou agir, orientando-se pelas observações colhidas furtivamente nas mezas que lhe ficavam mais proximas.

E vendo que na meza do lado se comia o melão inicial, supoz que era da praxe começar pela sobremesa e, como não gostasse de melão, resolveu atacar uma pera.

Era uma pera enorme e suculenta. O seu primeiro impulso foi agarrar-lhe pelo pé e cravar-lhe os dentes regaladamente no carnudo bôjo. Mas reparou a tempo que noutras mezas — onde de facto se estava já na altura da sobremesa — esta operação requeria outros cuidados, e conteve-se.

As filhas tinham deliberado seguir-lhe todos os movimentos, tanto mais que o exemplo devia partir de cima.

Mas uma grande hesitação a coagia e tiveram de aguardar que um gesto seu lhes indicasse o caminho a seguir.

De facto, perante a grande variedade e o numero dos talheres na sua frente, a sua perplexidade por qual devia decidir-se coarctava-lhe toda a acção.

Por fim, resolutamente, como o guerreiro que ás cegas se atirasse para o meio da luta, sacou do garfo maior,

*Era o primeiro almoço comido em publico.*

que empunhou na dextra, ao mesmo tempo que a sinistra brandia a colhér de sopa.

Devo confessar que a sua atitude era tambem sinistra e deixou-me na duvida acerca das suas intenções.

Porém as filhas, apressadas, imitaram-lhe o gesto e eu cheguei a supôr que se tratava dum treino de esgrima ou de jogos malabares.

Mas não. Era apenas o sinal de que a luta ia começar. Enquanto a colher se colocava á guisa de escudo, um gesto violento do garfo procurou agredir a descuidosa pera.

Esta teve naturalmente um sobresalto e esquivou-se ao golpe traiçoeiro. E a luta travou-se, aberta e francamente.

Em sucessivas arremetidas foi experimentado todo o material de guerra, toda a ferramenta colocada no campo de batalha. Brilharam no ar os garfos, as facas, as colheres.

As filhas, numa ansiedade, aguardavam o resultado.

Mas a pera, a suar sumo por todos os póros, defendia-se naturalmente, rolando, retraindo-se, esquivando-se, deslisando aflitivamente no prato do supplicio. Então a luta foi titanica, terrivel; luta de astucia, quasi luta de trincheiras, em que por vezes os golpes eram vibrados de emboscada, brandidos por detraz dum copo, á esquina dum jarro de agua ou sob a protecção do galheteiro. Mas a heroica pera furtava-se, numa sublime resistencia.

A agressora, rubra de colera, procurou ainda, em vão crava-la de flanco com o talher do peixe.

E via-se pela sua crescente indignação que o seu feroz desejo seria cosela com facadas. Mas continha-se, prudentemente.

Era preciso calma, sangue frio. De certo não estavam ainda esgotados todos os meios. E a pera foi posta de lado, por momentos.

Era justo um descanço.

Estava terminado o primeiro «round».

As tres olhavam se, num desespero de impotentes.

Entretanto os creados, supondo-as já na sobremesa, passavam indiferentes á tragedia e sem trazerem novos pratos, que lhes aplacassem a feroz e tragica ofensiva.

Então, a titulo de experiencia, um pero foi arrastado para o «ring». Mas este — são, como todos os peros — ofereceu maior resistencia.

Foi um desanimo nas hostes atacantes, um clamor de indignação e,

*. . . por baixo da meza começou um renhido match de foot-ball.*

numa furia, o casal — o pero e a pera — foram atacados em massa. Uma colher brilhou no ar.

Eu ia já intervir, lembrar que entre marido e mulher — entre o pero e a pera — se não devia meter uma tal colher, mas contive-me.

O pero, tido por invencivel, fôra abandonado e a luta tomara um aspecto renhido, selvagem e, portanto, perigoso para intervenções extranhas.

Porque então as tres, numa conjugação de esforços, num plano maquiavelico, atacavam em forças combinadas.

Enquanto uma delas, com o talher do peixe, fazia parede cortando a retirada ao desditoso fruto, a outra esmagava o sob o peso da colher da sopa e a terceira procurava vibrar-lhe o golpe mortal e decisivo.

Foi um pavôr: houve rasteiras, gestos violentos, desesperados, golpes terriveis e por fim, num verdadeiro «corps-à corps» a primeira conseguiu deitar-lhe uma das mãos e com a outra vibrar-lhe o certeiro golpe, que a rachou de meio a meio. Era quasi a vitoria.

Eu, num entusiasmo crescente, estive quasi a iniciar uma salva de palmas. Mas não quiz perturbar os contendores.

Era de facto meio caminho andado. Era já mais dificil a defesa.

Nisto, novo golpe feliz e o fruto era esquartejado. Era preciso, porém, ergue-lo ainda, triunfalmente espetado, num dos talheres e proceder á indispensavel escalpelisação.

Faltava muito ainda. E depois, do prato á boca era um novo abismo dificil de transpôr.

Mas sem desfalecimentos a ofensiva recomeçou; os quartos da pera furtavam-se, defendiam-se como leões. E um deles, mais renitente, perante uma estocada traiçoeira, n'um assomo de revolta, saltou para o sobrado. Foi olhado com rancôr. Houve uma certa indecisão. E quando a atenção do inimigo ia desviar-se para os que restavam no prato, o guardanapo, mal seguro e desprendido na refrega, rolou tambem do seu pescoço até ao chão.

Terrivel contratempo, porque nenhuma delas poderia dobrar sem perigo as suas banhas, de forma a deitar a mão ao foragido.

Então por debaixo da mesa começou um renhido «match» de «foot-ball». Mas nenhum dos seis pés conseguia guindar o guardanapo á devida altura.

Houve gestos desesperados de natação, prodigios de equilibrio, perigosos acrobatismos. As cadeiras gemiam doloridamente numa agonia, e a mesa, tilintando os pratos e as garrafas, erguia os pés tragicamente, como que sob a acção magnetica dum espirito... de vinho.

Finalmente, um «shoot» mais feliz pôz o alvejado ao alcance da sua proprietaria; e esta poude assim, esmagando-o sob o pé vitoriosamente, arrasta lo vencido até junto da cadeira, lançar-lhe um garfo em croque e devolvê lo de novo ao pescoço de que fugira.

O regresso não podia ser mais oportuno. Grossas bagas de suor, do esforço despendido, reclamavam já seus bons oficios.

Entretanto, talvez por ser apanhado em distracção, um quarto de pera era tambem levantado vitoriosamente na ponta duma faca. Foi um delirio. Todas ficaram suspensas numa emoção. Era o principio do fim.

Mas foi breve o triunfo. Flacido e combalido como estava da luta que sustentára, o quarto da pera abriu de par em par e as duas metades rolaram na toalha.

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8

# MOINHO DE PACIENCIA

N.º 12

2.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
JOSÉ D'OLIVEIRA COSME

**DR. FANTASMA**

17 OUTUBRO 1926

**Apuramento do n.º 8 (2.ª SERIE)**

### COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

***VIRIATO SIMÕES***

N.º 1 — 6 votos

N.º 2, de D. SIMPATICO . . . . . . . . 1 votos
N.º 4 de BAGULHO . . . . . . . . . 1 »
N.º 5, de REI DO ORCO. . . . . . . . 1 »
N.º 7, de JAMENGAL . . . . . . . . 1 »

### DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, AVIARDO, DROPE (da T. E.), MAMEGO

Com 13 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

AULEDO, (1? LORD DÁ NOZES, (9), JAMEN AL, (8), VIRIATO SIMÕES, VISCONDE DA REL VA, (7). D. SIMPATICO (T. E.), (6).

### OUTROS DECIFRADORES

Dois Principiantes (3), Bixo Knhoto (1).

### DECIFRAÇÕES

1—*FRUSTATORIO*, 2—*perfeito*, 3—giravolta, 4—*mimoso*, 5—*saramago*, 6—tarasca, 7—*alfama*, 8—carpido, 9—larica, 10—abertamente, 11—somada, 12—talhamento, 13—restabelecimento.

### PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 11, de MARIANITA, com 7 decifradores.

### DEDICATORIAS

BIXO KNHOTO e LORD DA NOZES decifreram o que lhes era dedicado.

### LOGOGRIFO

1

Teimei, um dia, em creança,
Fazer a barba a um gato,
Mesmo com o terem dito
Que lhe estragava o olfacto.

Brincando, em *casa*, uma tarde,—3—2—8
Peguei nêle, com cuidado,
Ensaboei lhe o focinho,
Todo o corpo até ao rabo.

Com uma *folha metalica*—3—7—1—5—6—2
Comecei a operação
E, quasi, 1 go de entrada,
Lhe dei um grande arranhão;

Começa a *soltar a voz*, 1—5—7—8
O tal bichano arranhado,
Emquanto eu continuava
O meu trabalho asseado.

E lastima a triste *sorte*—4—5—6—2
Quando, então, acabar:
—«Toma lá um pontapé
E vai-me *denunciar*...

Castelo Branco — MANÈ BEIRÃO

### CHARADAS EM VERSO

2

Um minhoto, dos que ha pouco,
Em Queluz acantonou,
Vindo, um dia, a Lisboa,
Uma priminha encontrou.

—«*Ora pois*,—lhe disse ele,—1
Com a voz algo velada,
Já que o acaso nos junta,
Vai sêr minha conversada.

Ela em tom *descorido*,—2
E num modo descortez,
Respondeu:—«Não sejas tolo,
Eu não namoro um *montez*!...

Lisboa — AVIEIRA

3

O meu amigo Ferreira
E' um tipo reinadio.
Indo, ha tempos, numa feira,
Um sucesso produziu.

Sem *discordia* e com maneira,—4
A um sujeito pediu
Que trouxesse uma cadeira
Dum exquisito feitio,

—«Queira sentar-se, senhor,
Faço-lhe a *barba* sem dôr—2
E com *desconto* pequeno...

E, num gesto delica'o,
Rapou a barba ao barbado
Devido ao s u grande treno.

Difundo — D. SIMPATICO (T. E.)

(*Reptando o* D. Galeno)

4

Mandei, ha pouco, fazer,
Co' a minha nova *morada*,—2
Uns elegant s bilh tes
p'ra dar á rapaziada.

Como, porém, o *dinheiro*—3
Que já tinha reservado
Não chegasse, p'ra poupar,
A cortar me vi forçado

Certos termos que eu achava
Figuravam muito bem...
Uma *questão de palavras*...
Vaidade, quem a não tem?...

Lisboa — DR. DA MULA RUÇA (B. I)

### CHARADAS EM FRASE

5 Quem *inventa* uma *dificuldade*, comete grande *falta*.—2—1

Lisboa — AFRICANO

6 Causa, sempre, grande *agitação* a *qualquer* pessôa, uma *noticia subita* e *desagradavel*.—2—2

Cascais — ANELE

[*A* Euristo, *com um abraço*]

7 Foi na *retaguarda* do electrico que tu, *afinal*, viste a *rapariga*?...—2—1

Lisboa — AVIARDO

8 O *palavreado ôco* das ideias avançadas, *não serve* muitas vezes senão para mascarar um ideal *retrogado*.—2—1

Lisboa — BAGULHO

9 Aquela «*mulher*» tem estado no *paiz* da sua *origem*.—2—2

Lisboa — CALTAR

10 E' bonito este *papagaio*, mas *afianço*-lhe que, no Amazonas, ha um muito superior, *admiravel*—2—2.

Lisboa — D. GALENO (T E.)

11 Se eu me *dirigi contra alguem* foi *desde* que fui picado pelo *ferrão do lacrau*—2—1

Lisboa — DROPÉ

12 O que, por coisa pouca, *arde de colera* dá «*nota*» de patife ou *malicioso*.—2—1

Lisboa — JAMENGAL

13 Quem *prega* contra Deus não *encontra* prazer na *capela*.—2—1

Lisboa — LORD DÁ NOZES

14 Durante o *descanço*, *conta* porque foi a *zanga*.—4—1

Lisboa — MAMEGO

15 A *vaidade* para o «*Homem*» sem moral é uma *coisa insignificante*.—3—2

Lisboa — MARIANITA

16 *Ande lá*, senhor *professor*! Mostre que é *têso*!—1—2

Lisboa — PAUSANIAS

17 *Moto textual* só de nossa *iniciativa*.—2—3

Lisboa — RÊI DOS URSOS (F. A. F.)

18 Tens *excelente memoria*! Decoras *optimamente*!—4—2

Lisboa — SATURNO

(*Contendendo com o* Dropé, *campeão* Dernier cri)

19 O confrade no quadro de honra, *é duro*! Haverá *cá*, na T. E., alguma *braxa*?—2—1

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

# PALAVRAS CRUZADAS

o passatempo da moda

*Secção dirigida por DR. FANTASMA*

**Nota importante.**—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

AULEDO, DOIS TORREJANOS, MENINA XO. NONÓ, PAUSANIAS, SPARTANUS

### DECIFRAÇÕES DO N.º 90

HORIZONTAIS.—1 limão, 5 com, 6 aço, 7 rar, 8 marmelo, 15 ora, 16 nau, 18 iman, 22 ralados, 23-sete, 26 dama, 27 anel, 28 iodo, 29 i r a o r a d, 32 lama, 33 cid, 24 eli, 35 Oroncia, 37 rio, 40 opa, 42 amora.

VERTICAIS.—2 içar, maca, 4 amor, 8 mordico, 9 ara, 10 ralhador, 11 endereço, 12 lao, 13 ousadia, 14 Lidia, 17 melão, 19 mão, 20 amd, 21 mão, 23 sal, 24 ena, 25 tem, 30 rir, 31 ali, 36 nim, 38 som, 39 bar, 41 poeira.

### PROBLEMA D'HOJE

Original dos nossos distintos colaboradores «Dois Torrejanos», de Torres Novas.

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | | | | | | | ■ | | | | | | |
| 2 | | | | | | | | | | | | | |
| 3 | | | | | | ■ | | ■ | | | | | |
| 4 | | | | | | | | | | | | | |
| 5 | | | | | ■ | | | | ■ | | | | |
| 6 | | | ■ | | | ■ | | ■ | | | ■ | | |
| 7 | ■ | | | | | | ■ | | | | | | ■ |
| 8 | | | ■ | | | ■ | | ■ | | | ■ | | |
| 9 | | | | | ■ | | | | ■ | | | | |
| 10 | | | | | | | | | | | | | |
| 11 | | | | | | ■ | | ■ | | | | | |
| 12 | | | | | | | | | | | | | |
| 13 | | | | | | | ■ | | | | | | |

TORRES · NOVAS · 1926

DOIS · TORREJANOS

HORISONTAIS.—1 Encharco-Acostumar, 2 Transformada em pessoa, 3 Rio do Brazil, consoante cinco letras de Repentista, 4 Que aumenta, 5 Animal (fem.) Obra, Inhame, 6 Andar, mofa, vogal, animal (masc.) orçar, 7 Doença da iris, Um dos sete sabios da Grecia, 8 Prefixo indicando privação, rio da França, consoante, nome que os egipicios dão ao sol, entidade da mitologia grega, 9 Florete, phebo, comitiva, 10 Anterior á arca de Noé, 11 Cidade da Suissa, vogal, que procede de antepassados, 12 Que confirma, 13 Coluna, inaptidão.

VERTICAIS.—1 Sustive, expulse, 2 Estrangeiros, 3 Peixe do Brazil, consoante, cinco letras de Repentista, 4 Com um lucro excessivo, 5 Anagrama de Alou, rochedo, anagrama de Dize, 6 Pronome indefenido francez, por ser generosa, vogal, nota, circulo, 7 Afeição, tranbolhão, 8 Artigo defenido arabe, bispado e su jurisdição, consoante, brinco, duas consoantes, 9 Anagrama de Vice, quatro letras de Anavalhe 10 Faculdades de explorar, 11 Disfarçada, vogal, arrenego, 12 Que contraem, 13 Dividir proporcionalmente, seis letras de Empolado.

# Um grande almoço desportivo

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 8)

Nova desolação. Mas a contrariedade aumentara a furia das combatentes e numa «revanche» a luta redobrou de intensidade, sem treguas, sem quartel. Tudo se experimentou: os mais variados, energicos e violentos golpes e não sei mesmo se chegaram ao extremo das ofensas pessoaes e ao emprego dos gazes asfixiantes; mas quando eu, já vibrante de ansiedade, extenuado de atenção e desejoso de ver o fim do combate, ia gritar: á unha! á unha!... parece que por uma extranha transmissão de pensamento, as tres, de acordo, depondo as armas por inuteis, despresando toda a ferramenta empregada na refrega, pousaram os talheres, e num derradeiro, num decisivo recurso, lançaram-se aos vencidos... com unhas e dentes.

Era, finalmente, o fim. Levantei-me ainda emocionado.

* * *

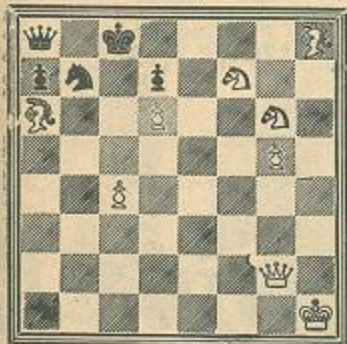
E quando pouco depois, cá fora, uma delas, junto de mim, lamentava a exiguidade da refeição e o pessimo serviço, eu não poude deixar de contestar que, pelo contrario, tinha sido um almoço . . . e peras.

AUGUSTO CUNHA

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

*PROBLEMA N.º 92*

Por J. Densmore

Pretas (5)

Brancas (9)

As brancas jogam e dão mate em tres lances

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 91

1 T. 2 R

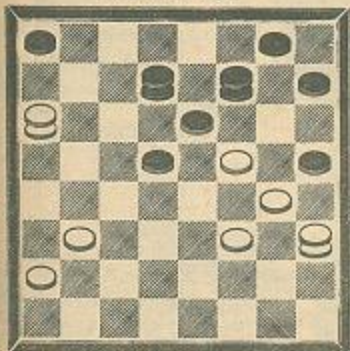
Tema valvula; a chave ameaça mate numa casa cujas defesa estão mascaradas por uma peça preta; quando uma defesa se desmascara torna-se possivel um outro mate que na posição inicial estava defendido. A variante caracteristica do tema é a que resulta da defesa 1—P 5 C; fecha-se a diagonal h 7 - e 4 quando se abre a transversal h 7 - e 7; este encerramento duma linha, simultaneo com a abertura de outra, ambas de acção da mesma peça, é que caracterisa a valvula.

Resolveram os problemas n.os 89 e 90 os senhores Nunes Cardoso, e Maximo Jordão.

*Solução do problema n.º 91*

| | Brancas | Pretas |
|---|---|---|
| 1 | 7-11 | 15-8 |
| 2 | 32-23 | 26-19 |
| 3 | 17-22 | 31-17 |
| 4 | 13-26-16 | 12-23-14 |
| 5 | 9-18 | |
| | Ganha !!! | |

*PROBLEMA N.º 92*

Pretas 2 D e 6 p.

Brancas 2 D e 5 p.

As brancas jogam e ganham.

Resolveram os problemas n.os 89 e 90 os srs.: Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro, Carlos Gomes (Bemfica), José Magno, Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Carlos Gomes (Bemfica), que o oferece ao seu visinho o Ex.mo Sr. Barata Salgueiro.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

# Uma herança principesca

A ultima rainha de Portugal, a Senhora D. Amelia de Bragança, acaba de ser contemplada com o grosso da herança de seu irmão, o duque Filipe de Orleans, chefe da casa real de França, falecido em Palermo, a 28 de março do corrente ano, com cincoenta e sete anos de idade.

A herança que a augusta senhora recebe ascende a uma importancia de cerca de quinze mil contos, da qual certamente beneficiarão inumeros desprotegidos da sorte, a quem a ultima rainha de Portugal não deixará de socorrer.

O Duque de Orleans, principe francês, que deixou a sua irmã, a rainha D. Amelia, uma enorme fortuna.

O duque de Orleans, que, no trono, usaria o nome de Filipe VIII, era grande amigo de viajar e quando faleceu na Italia, vitimado por uma pneumonia, estava descansando em casa de seu tio, o duque d'Aumale, duma longa viagem pelo Soudão. Aos seus ultimos momentos assistiram a Senhora D. Amelia, o Doutor Récamier, Monsenhor di Leo—que lhe ministrou os ultimos sacramentos—, o padre Bossard e o conde de Baritault.

Filho do conde de Paris e da princesa Isabel de Orleans, nasceu no exilio, em Twickenham (Inglaterra), a 6 de fevereiro de 1869. Estudou no colegio de Eu e depois no colegio Stanislas, em Paris. Serviu no exercito ingles e na India, onde ficaram celebres as suas proezas de emerito caçador. Atingindo a maioridade, veiu dos Estados Unidos para França, reclamando, perante o distrito de recrutamento do Sena, o seu direito ao serviço militar. Preso por ter transposto as fronteiras francezas—o que lhe estava interdito, por leis votadas em 1886—foi condenado a dois anos de prisão e enclausurado em Clairvaux, donde saiu em liberdade, quatro mezes depois, por mercê presidencial. Por morte de seu pai, em 1894, ficou chefe da casa real franceza. Dois anos depois, casava, em Viena, com a arquiduqueza Maria Dorotea de Austria, filha dum primo direito do imperador Francisco José. Depois de varias peripecias judiciais, divorciou-se. Tanto em Inglaterra, como na Belgica, onde fixara residencia, o duque de Orleans tinha uma vida muito activa, entrecortada por grandes viagens. Fez uma expedição ás terras polares, no seu navio *Belgica*, da qual escreveu uma interessante narrativa. Quando rebentou a guerra de 1914 procurou a todo o transe alistar-se no exercito francez. Como a lei não lho permitisse, dirigiu pedidos sucessivos aos soberanos da Inglaterra, da Belgica e da Russia, para combater nas suas fileiras; rendendo homenagem ao seu belo gesto, todos lhe recusaram os serviços, por conveniencias de ordem diplomatica.

O Duque de Orleans não tinha filhos e o seu irmão mais novo, o duque de Montpensier, morreu, tambem sem filhos, em 1924. O herdeiro da coroa é hoje o principe João de Orleans, Duque de Guise, segundo filho do Duque de Chartres, que nas campanhas de 1870 conquistou o cognome de *Robert-le-Fort*. O Duque de Guise é, ao mesmo tempo, primo direito do Duque de Orleans e seu cunhado, pois desposou a princeza Isabel de França, irmã do falecido Luiz Filipe de Orleans. O Duque de Guise fez os seus estudos militares no exercito dinamarquez, onde tem o posto de capitão. Em 1914, tambem impossibilitado, por lei, de combater, esteve muito tempo no *front* da Champagne, como delegado da Sociedade de Socorros aos Feridos Militares e, nessa categoria, mereceu uma elogiosa citação na ordem do exercito. E' proprietario de grandes dominios em Nouvion-en-Tierache, no Aisne, e organisou um centro de exploração agricola em Marrocos.

# SPORTS

## Foot-ball

### Desafios da Divisão de Honra, marcados para hoje

EM PALHAVÃ

«Imperio Lisboa Club» contra «União Foot-ball Lisboa»—ás 14 horas.

«Belenenses Foot-ball Club» contra «Sport Lisboa e Benfica» — ás 16 horas.

NO CAMPO GRANDE

«Carcavelinhos Foot-ball Club» contra «Victoria Foot-ball Club» — ás 14 horas.

«Sporting Club de Portugal» contra, «Casa Pia Atlético Club»—ás 16 horas.

# Actualidades gráficas

## NOSSA SENHORA DO AR

*No pitoresco sitio do Landal, por ocasião do inicio da reconstrução da capelinha da padroeira da Aviação Portuguesa fo iprestada homenagem a Cifka Duarte, um dos elementos preponderantes da nossa 5.ª Arma.*

## VIDA DESPORTIVA

*Partida dos nadadores mais representativos de Lisboa para Aveiro, onde vão disputar as provas nacionais e o campeonato de Portugal.*

## MANUELLA PINTO BASTO

*A primeira figura da scena lirica portugueza, que antes de partir para o Brazil fará uma tournée por Portugal. Com a colaboração de alguns nomes ilustres, foi prestada à grande cantora uma justa e carinhosa homenagem no Teatro Garrett, de Sintra.*

## MOVIMENTO DIPLOMATICO

*Santos Tavares, ex-comissario do governo no Teatro Nacional, figura elegante do teatro e das letras, que foi recentemente nomeado ministro de Portugal em Stockholmo.*

## COMO SE DEFENDE A POLICIA ALEMÃ

*Um arnez de aço flexivel que protege eficazmente a cabeça e o peito dos agentes da policia, no perigoso serviço das rusgas de Berlim.*

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

# O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$00
ESTRANGEIRO
ANO, 64$60 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS E UTILIDADES.

## AS VARINAS

As varinas caracterisam Lisboa, como as tricanas Coimbra. Desempenadas, airosas, sadias, as varinas dão nesta monotona e insipida capital uma nota eterna e sempre nova de beleza e de raça.